

Ação educativa para adolescentes de uma escola pública sobre conceitos de Transgênero: relato de experiência

Educational action for adolescents from a public school on Transgender concepts: an experience report

DOI:10.34117/bjdv7n7-493

Recebimento dos originais: 23/06/2021

Aceitação para publicação: 23/07/2021

Tatiana Fabíola da Silva Lima

Enfermeira e Mestranda em Tecnologia, Recursos Naturais e Sustentabilidade na Amazônia

Instituição: Universidade do Estado Pará

Endereço: Tv. Dr. Eneas Pinheiro, 2626 – Marco, Belém – PA

E-mail: tatiana.fs.lima2@gmail.com

Larysse Caldas de Oliveira

Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Metropolitano da Amazônia

Instituição: Hospital de Campanha do HANGAR

Endereço: Av. Doutor Freitas, s/n - Marco, Belém - PA

E-mail: laryssecaldas@gmail.com

Irany Almeida Silva Santos

Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Metropolitano da Amazônia

Instituição: Centro Universitário Metropolitano da Amazônia

Endereço: Av. Visc. de Souza Franco, 72 - Reduto, Belém - PA

E-mail: iranyalmeida@hotmail.com

Faena Santos Barata

Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Metropolitano da Amazônia

Instituição: Hospital Redentor

Endereço: Av. Sen. Lemos, 677 - Umarizal, Belém - PA

E-mail: baratafaena@gmail.com

Cinthy Lorena Bezerra Sarmanho

Enfermeira e Mestre em Ensino em Saúde na Amazônia pela Universidade do Estado do Pará

Instituição: Centro Universitário Metropolitano da Amazônia

Endereço: Av. Visc. de Souza Franco, 72 - Reduto, Belém - PA

E-mail: cinthya-lorena@hotmail.com

Vanessa de Almeida Batista

Bióloga e Mestranda em Ciências Ambientais

Instituição: Universidade do Estado Pará

Endereço: Tv. Dr. Eneas Pinheiro, 2626 – Marco, Belém – PA

E-mail: vanessavab@hotmail.com

Glauca da Paixão Leitão Oliveira

Enfermeira graduada pela Universidade da Amazônia
Instituição: Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará
Endereço: R. Bernal do Couto, 988 - Umarizal, Belém - PA
E-mail: glauciaoliveira020@hotmail.com

Clara Tenile Barros de Souza

Enfermeira graduada pela Universidade da Amazônia
Instituição: Universidade da Amazônia
Endereço: Av. Alcindo Cacela, 287 - Umarizal, Belém - PA
E-mail: claratenile@gmail.com

RESUMO

A adolescência é uma fase de novas descobertas, marcadas por transformações, medos e dúvidas referentes à sexualidade. Trata-se de um estudo do tipo relato de experiência realizado através de uma ação educativa para adolescentes de uma escola pública sobre conceitos de Transgênero. As atividades foram realizadas no período da tarde do dia 03 de Maio de 2019, com adolescentes de 16 a 19 anos, que estudam na referida instituição. Foi desenvolvida em três momentos: Primeiro momento realizada uma roda de conversa; segundo momento um jogo de tabuleiro do tipo trilha com 5 desafios; terceiro momento um Quiz, composto por 5 perguntas para verificar se os alunos absorveram o conteúdo. observou-se, em linhas gerais que quase a totalidade dos participantes já tinham certo conhecimento prévio a cerca do assunto, porém em 65% (22) dos casos se tinha um conhecimento superficial, absorvidos através da internet. Nota-se que os meios de comunicações são os principais veiculadores de informações e formadores de opiniões principalmente quando se refere à sexualidade. O presente trabalho foi de suma importância para a compreensão de como é imprescindível difundir informações fidedignas, corretas e com embasamento científico.

Palavras-Chave: Transgêneros, Identidade de Gênero, Adolescentes, Sexualidade, Influência Digital.

ABSTRACT

Adolescence is a phase of new discoveries, marked by transformations, fears and doubts regarding sexuality. This is an experience report-type study carried out through an educational action for adolescents from a public school on the concepts of Transgender. The activities were carried out in the afternoon of May 3, 2019, with teenagers aged 16 to 19 years, studying at the aforementioned institution. It was developed in three stages: First, a round of conversation was held; second, a board game with 5 challenges; third moment a quiz, consisting of 5 questions to check if the students absorbed the content. it was observed, in general lines, that almost all the participants already had some prior knowledge about the subject, but in 65% (22) of the cases there was a superficial knowledge, absorbed through the internet. It is noted that the media are the main vehicles of information and opinion makers, especially when it comes to sexuality. The present work was of paramount importance for understanding how essential it is to disseminate reliable, correct and scientifically based information.

Keywords: Transgender, Gender Identity, Adolescents, Sexuality, Digital Influence.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a sexualidade humana é o principal elemento estruturante da identidade e da personalidade, já que unifica seus níveis biológico, psicológico e social e o gênero vai além do sexo. Na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como o indivíduo se expressa socialmente. Para algumas pessoas, a vivência de um gênero discordante do sexo é uma questão de identidade, é o caso das pessoas conhecidas como transgênero (BRASIL, 2018).

Os Transgêneros optam por meio do comportamento e da vestimenta que mais se adequam, assim mudando de nome, reconhecendo-se como mulher ou homem. Logo, o Transgênero é aquele indivíduo que possui uma identidade de gênero oposta ao sexo designado (OLIVEIRA; OLIVEIRA JÚNIOR, 2017). Essa população vivencia um modelo imposto como padrão “normal”, pela sociedade, de sexo biológico como sendo a questão que norteia a sua identidade de gênero, levando ao errôneo e absurdo pensamento de que, qualquer um que fuja dessa lógica social imposta, são avessos à sociedade (CAMPOS et al., 2021).

Essa identidade pode não ter relação com a orientação sexual do indivíduo. Identidade de gênero é a expressão construída a partir de como a pessoa se reconhece e/ou se apresenta, que pode corresponder ou não ao seu corpo biológico. Mulheres e homens transexuais em alguns casos podem, através de modificações corporais (hormonioterapia e/ou cirurgia de redesignação sexual), exercer sua identidade de gênero de acordo com seu bem-estar biopsicossocial (JESUS, 2012).

Adolescência é um período do desenvolvimento humano, compreendido cronologicamente entre 10 e 19 anos de idade sendo socialmente definida e marcada pelos aspectos das transformações físicas e comportamentais. Nesse período, também há uma maior exposição a diferentes situações de conflito, violência e exclusão, considerando-se a ampliação do convívio e contato social. Assim, a adolescência se refere ao encontro de situações sociais, históricas e culturais com a transformação dos sujeitos, tornando-os ao mesmo tempo singulares e coletivos, buscando sua identidade, inclusive sexual (NATARELLI et al., 2015).

A maioria dos adolescentes tem receio de relatar ou compartilhar assuntos envolvendo a questão transgênero, o que talvez possa se configurar como medo de sofrer homofobia, e é geralmente neste período etário que muitos começam a se identificar. Esse tema tem ganhado grande visibilidade tanto no âmbito nacional, quanto internacional,

apesar de ainda ser uma discussão recente no Brasil, principalmente no que tange a leis e políticas que asseguram os direitos da população LGBT em todos os eixos da saúde e dos direitos humanos (MELLO; AVELAR; BRITO, 2014).

Desta maneira, Lemos e Marback (2017) afirmam que é necessário ter um olhar mais atento para a adolescência, uma vez que, nesta fase corre o desenvolvimento bastante importante de competências emocionais, cognitivas, sociais, além da autoestima, autonomia e da consolidação da identidade do indivíduo.

Silva e Maio (2017) destaca que, para além das identidades sociais, já solidificadas no mundo moderno, persiste a afirmativa de que é preciso (des) colonizá-las e entendê-las como pertencentes a constantes mudanças resultantes dos processos sociais mais amplos que asseguram condições de re/definição e re/invenção de suas expressões. Dialogar com a escola enquanto um espaço para além da imposição de um estar normativo requer produzir deslocamentos reflexivos que convidam a descentrar-se destas práticas, implica problematizar os questionamentos que a presença do tema transgêneros provoca nas escolas.

Dentro da tridimensionalidade pesquisa, ensino e extensão, a extensão universitária, através do processo educativo cultural, científico e educacional, é a que melhor permite a articulação entre o ensino e pesquisa de forma indissociável, configura-se como um excelente cenário de metodologias ativas de aprendizado, pois possibilita formar profissionais capazes de aplicar na prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, permitindo uma reflexão sobre seu papel nesses cenários e, por consequência, buscar soluções para mudar a realidade de sujeitos e coletividades (MOIMAZ et al., 2015).

Visto que a adolescência é uma fase de novas descobertas, marcadas por transformações, estigmas, medos e dúvidas principalmente quando se fala em sexualidade e a escola é um ambiente de socialização e propagação de conhecimentos, é dentro desta perspectiva que o presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência através de uma ação educativa para adolescentes de uma escola pública sobre conceitos de Transgênero.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Trata-se de uma ação educativa do tipo relato de experiência. A ação foi realizada por acadêmicos uma Faculdade Privada de Belém em uma escola pública, no município de Marituba.

A importância da ação educativa em saúde se refere às atividades voltadas para o desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas visando à melhoria da qualidade de vida e saúde. Desse modo, emergem as ações educativas como ferramenta fundamental para estimular tanto o autocuidado como a autoestima de cada indivíduo e, muito mais que isso, de toda a família e comunidade, promovendo reflexões que conduzam a modificações nas atitudes e condutas das pessoas (ROECKER; BUDÓ, MARCON, 2012).

As atividades foram realizadas no período da tarde do dia 03 de Maio de 2019, com adolescentes de 16 a 19 anos, que estudam na referida instituição. Foi desenvolvida em três momentos: No primeiro momento da ação foi realizada uma roda de conversa com os alunos, momento este que os acadêmicos levaram conhecimentos sobre o tema transgênero, orientação sexual, sexo biológico e diferenciação dos termos atuais utilizados para descrever a identidade sexual e os direitos garantidos por lei aos indivíduos transgênero.

No segundo momento foi realizada uma atividade na qual a metodologia se baseava em um jogo de tabuleiro, sendo trabalhado o tema transgênero e consistia dos seguintes elementos: um tabuleiro do tipo trilha com 18 casas, com pontos de partida e de chegada, sete desafios diferentes distribuídos em casas aleatórias, com o objetivo de fazer os participantes e ouvintes refletirem sobre o tema e um dado com números de 1 a 4, um “avance uma casa” e um “volte uma casa”, que serviu para os participantes avançarem as casas.

Para a elaboração do tabuleiro, inicialmente foi utilizando o programa de computador Microsoft Word, e após a elaboração inicial, às peças foram confeccionadas manualmente com tecido TNT (para confecção da trilha e revestimento do dado), folhas de E.V.A (serviram como os números do dado) e caixa de papelão (utilizada como estrutura e formato do dado).

Ao iniciar do jogo os estudantes deveriam oferecer-se voluntariamente. Dois alunos, apresentaram-se para jogar: 1 do time vermelho e 1 do time azul. Os participantes jogaram o dado no intuito de avançar as casas. Em algumas jogadas o valor do dado foi correspondente ao valor da casa que continha o desafio e estes tiveram que cumpri-los. Aqueles que não participaram diretamente do jogo dividiram-se em duas equipes (equipe Azul e equipe Vermelha) e ficaram responsáveis por auxiliá-los e torcer.

Os desafios foram os seguintes: no desafio 1 o participante deveria responder a seguinte pergunta: Qual o conceito de Transgênero? O objetivo foi de avaliar como este tinha absorvido o conteúdo ministrado no primeiro momento.

No desafio 2 o participante respondeu à outra situação: Imaginando uma situação em que se depararem com uma pessoa com fenótipo feminino, porém seu nome civil ainda era o masculino, como esta ou este deveria ser chamado (a)? O objetivo foi esclarecer que os transgêneros têm o direito garantido por lei de serem chamados pelo seu nome social.

No desafio 3 foi pedido para que os participantes escrevessem na lousa 5 palavras de respeito ao próximo e que a sua torcida as repetisse em voz alta. O objetivo foi tentar fazer com que interiorizassem aquilo que foi proclamado.

No desafio 4 foi pedido para que a adolescente segurasse seis figuras de homens, mulheres e transgêneros e as colasse na lousa com fita adesiva, em 40 segundos, diferenciando homem cisgênero, mulher cisgênero e transgênero (todos na figura eram pessoas transgênero). O objetivo era fazê-la refletir, após a correção, que dali em diante não mais fizessem aquele tipo de divisão, sem apontar o transgênero como um grupo fora à parte na sociedade.

No desafio 5 foi pedido para que o participante ou para a sua equipe/torcida explicar a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero. Eles tinham 1 minuto e 30 segundos para pensar e responder. O objetivo foi esclarecer e fazê-los absorver o que é identidade de gênero, orientação sexual e quais as suas diferenças.

Ao final dos desafios ganhou o participante, que cruzou primeiro a linha de chegada e cumpriu todos os objetivos. e respondeu corretamente todas as respostas.

No terceiro momento da ação, foi desenvolvido um Quiz, com o objetivo de verificar se os alunos absorveram o conteúdo. O quiz foi composto por cinco perguntas relacionadas ao tema e de acordo com o conteúdo que lhes foi repassado. Os alunos continuaram dispostos em duas equipes, porém não se tratava mais de uma competição. Para cada equipe foi perguntado aleatoriamente: O que significa transgênero? O que é identidade de gênero? O que é orientação sexual? O que é sexo biológico? Existem leis que permitem que os transgênero utilizem o nome que escolheram pra si (nome social)? Qual/Quais?

A presente ação, se configurou como uma metodologia ativa. As metodologias ativas utilizam a problemática como estratégia de ensino-aprendizagem, com o objetivo de alcançar e motivar o participante, pois diante do problema, ele se detém, examina,

reflete, relaciona a sua história e passa a ressignificar suas descobertas. A problemática pode levá-lo ao contato com as informações e à produção do conhecimento, principalmente, com a finalidade de solucionar os impasses e promover o sua autonomia no cuidar (CYRINO; TORALLES-PEREIRA M. L, 2004).

3 DISCUSSÃO

Participaram da ação 34 alunos adolescentes com idade entre 16 a 19 anos, sendo 15 do sexo feminino e 19 do sexo masculino, do segundo ano do ensino médio.

No início da ação, observou-se que a maioria dos alunos, conhecia ou já havia tido a oportunidade de ouvir falar sobre o tema, porém não conheciam seus conceitos e a maioria nunca ouviu a respeito ou já conheciam todos os conceitos acerca do tema.

Também observou-se que a maioria dos participantes obtiveram as informações sobre a temática através da internet ou através da televisão, pelas telenovelas e maioria, através de informações com amigos. Neste sentido, Marques (2019) afirma que a criação de produtos visuais, seja através da TV ou internet que envolve a temática, são capazes de gerar maior visibilidade aos movimentos que lutam pela causa LGBT, visto que o grande alcance destas informações - a nível temporal e global - fornece subsídios para que se implemente os debates na busca pelo respeito às diversidades.

Após a aplicação da roda da conversa, do jogo de tabuleiro com seus 5 desafios, foi pedido para que levantassem as mãos aqueles que conseguiram absorver o conteúdo ministrado integralmente, parcialmente ou não absorveram nada: 29 alunos (85,3%) levantaram as mãos sugerindo terem conseguido absorver integralmente o conteúdo, 5 (14,7%) levantaram as mãos sugerindo terem absorvido parcialmente o conteúdo e nenhum respondeu não ter absorvido nada do conteúdo ministrado (0%).

Durante a aplicação do desafio 1 do jogo, o participante conseguiu responder corretamente a pergunta “Qual o conceito de Transgênero?”.

No desafio 2, o objetivo foi esclarecer que os transgêneros têm o direito garantido por lei de serem chamados pelo seu nome social. O participante não soube responder a questão mas foi-lhe esclarecido a conduta correta a ser realizada, que seria chama-la pelo seu nome social. Ponte et al., (2021) justifica que em 2006 o sistema único de saúde (SUS), instituiu o direito de usar o nome social em todos os níveis de atendimento em saúde, seja público ou privado, que são ofertados ao indivíduo como forma de se estabelecer o acolhimento, humanização e integralidade da assistência a essa população.

No desafio 3, foi pedido para que o participante do time vermelho escrevesse na lousa 5 palavras de respeito ao próximo e que a sua torcida as repetisse em voz alta, com objetivo de fazer com que interiorizassem o que foi proclamado, o mesmo escreveu as seguintes palavras: “respeito”, “amor”, “cuidado”, “igualdade” e “compreensão”. Todos os componentes da sua torcida repetiram as palavras em voz alta três vezes e foi pedido para que estes interiorizassem e as reproduzissem em seus cotidianos

No desafio 4 foi pedido para que a adolescente do time vermelho segurasse seis figuras de homens, mulheres e transgêneros e as colasse na lousa, o participante contou com a ajuda de sua torcida para montar o quadro e definiu: uma imagem como mulher cisgênero, uma imagem como homem cisgênero e quatro imagens como transgênero. Ao final foi-lhes revelado que todas as imagens pertenciam a pessoas transgêneros, explicado o objetivo do desafio: fazê-los refletir, após a correção, que dali por diante não mais façam este tipo de divisão, sem apontar o transgênero como um grupo fora à parte na sociedade.

No desafio 5, foi pedido para que o participante ou a sua equipe/torcida explicar a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero em 1 minuto e 30 segundos, com objetivo de esclarecer e fazê-los absorver o que é identidade de gênero, orientação sexual e quais as suas diferenças, o participante do time azul explicou corretamente os conceitos e as diferenças entre identidade de gênero e orientação sexual e contou com a ajuda de sua torcida.

Ganhou o participante do time vermelho, que cumpriu todos os desafios e cruzou primeiro a linha de chegada.

Neste trabalho observou-se, em linhas gerais que quase a totalidade dos participantes já tinham certo conhecimento prévio a cerca do assunto, porém em 65% (22) dos casos se tinha um conhecimento superficial, absorvidos através da internet e isto foi demonstrado no momento em que se realizou a roda de conversa e se questionou o que eles entendiam sobre os transgêneros.

O conceito de transgênero é definido por Galli et al., (2013) como, aquele indivíduo que possui sentimento irreversível de pertencer ao sexo contrário ao que foi genética e morfológicamente estabelecido, ou seja, não se identificam com seus genitais biológicos e suas atribuições culturais. As opiniões de ambas as partes não divergiam, mas se complementaram e é desta forma que se pode observar o quão influente a internet é no cotidiano destes adolescentes e o quanto esta exerce poder na formação de suas opiniões.

Além da internet, neste caso, ser a grande propagadora das informações, sobre os transgênero, notou-se que a TV também exerce grande influência na formação de opiniões visto que parte sugeriram ter tido contato derradeiramente com o tema através de telenovelas. E nesta perspectiva, para Conti, Bertolin e Peres (2010) a influência da televisão vai além de uma simples fonte básica de lazer, tratando-se de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e a circulação de uma série de valores, concepções e representações relacionadas a um aprendizado. A televisão, em especial participa diretamente na formação do jovem sugerindo, estimulando e delineando determinadas formas de existência coletiva ou da relação individual e com o outro.

A propagação das informações entre amigos mostrou-se baixa, isto pode estar atrelado ao fato que o tema transgênero ainda é pouco discutido em sociedade e pelo preconceito que ainda os cercam apesar do avanço que tem ocorrido em torno dessa temática ao longo dos anos. Lopes, Araújo e Carvalho (2019), concordam afirmando que informações sobre as questões que envolvem a questão LGBT no meio acadêmico ainda é muito pouco debatida.

Quanto aos alunos que responderam ter aprendido parcialmente o conteúdo, notou-se uma dificuldade por parte destes em absorver as informações sobre as leis que permitem o uso do nome social pelo transgênero, ainda assim os discentes que promoveram a ação novamente explicaram assunto.

O conteúdo ministrado pelos discentes através da ação sobre os conceitos de transgênero se mostrou de grande importância para os alunos participantes, na perspectiva de ter esclarecendo dúvidas, apresentado informações que para a grande maioria eram novas, como a diferença de identidade gênero e orientação sexual, de ter dramatizado de forma divertida através dos desafios do jogo de trilha, além de ter sido executada como responsabilidade social.

Para os discentes sua importância foi, principalmente, no âmbito do educar, problematizar, conscientizar, trocar conhecimentos, além da responsabilidade de ser também um formador e propagador de opiniões. Chiarella et.al., (2015) infere que a educação problematizadora, mesma proposta de Paulo Freire, busca estimular a consciência crítica da realidade e a postura ativa de alunos e professores no processo de ensino-aprendizagem, de forma que não haja uma negação ou desvalorização do mundo que os influencia. Além da responsabilidade de ser também um formador e propagador de opiniões.

A professora de filosofia da escola em que foi realizada a ação disponibilizou um horário de suas aulas para os discentes apresentarem o trabalho, a mesma relatou que a temática do trabalho veio em um momento propício e que somou aos conhecimentos repassados por ela, pois a esta havia concluído o conteúdo sobre ética e moral, com ênfase nos fundamentos do Princípio da beneficência; Princípio da não maleficência; Princípio da justiça e Princípio do respeito à autonomia, onde ambos os assuntos se complementaram.

Ao final da ação os discentes foram surpreendidos com a pergunta de um adolescente que buscava saber qual a relação do tema transgênero e a enfermagem. Os discentes responderam que o enfermeiro não se atém somente na área hospitalar curativista e biologicista, mas também a educação em saúde. Segundo Almeida et al., (2017) o enfermeiro é um educador em saúde onde esta educação se torna o melhor veículo para se orientar sobre saúde sexual e com ela é possível unir informações com bases científicas à prática popular e procura auxiliar e esclarecer a população sobre o referido tema, contribuindo com prevenção do fenômeno da homofobia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que os meios de comunicações são os principais veiculadores de informações e formadores de opiniões principalmente quando refere-se à sexualidade. A televisão e a internet estão no topo da circulação de informação, porém esbarram no dilema da procedência duvidosa e por vezes inverídicas, em contra partida também são grandes propiciadoras de conhecimento. Observou-se durante o estudo que a grande maioria dos participantes buscaram, encontraram ou tiveram contato pela primeira vez com o tema Transgênero através da internet e da TV respectivamente.

Ainda sobre a circulação de informações acerca do tema Transgênero entre os indivíduos, percebe-se que é um tema pouco discutido entre estes, mesmo a mídia e outros canais de informação tenha-os abordado, atualmente, com relevante frequência. Sugere-se que este fato esteja atrelado a, muitas vezes, informações fidedignas, estigmas, preconceitos e até mesmo a ausência total de conhecimento por nunca ter ouvido falar sobre a temática.

Ressalta-se que ação desenvolvida pelos acadêmicos foi de extrema importância tanto para ouvintes quanto para os facilitadores da informação e até para a professora de filosofia, que pode contextualizar o conteúdo de ética e bioética ministrado em sala de aula, ao tema utilizado. Os acadêmicos puderam trocar conhecimentos com os alunos

através de uma metodologia ativa baseada em estudos científicos de fontes confiáveis e esclarecendo as dúvidas dos adolescentes quanto a diferença dos termos atuais utilizados para descrever a identidade sexual e de gênero.

Embora tenha-se esbarrado nos conceitos propagados pela mídia e por conta de participantes já terem uma opinião formada acerca do tema, pode-se concluir que a ação alcançou êxito pois a metodologia aplicada forneceu aos estudantes um ambiente enriquecedor, que além de divertir, passou a ser visto como provedor de aprendizagem. Os adolescentes conseguiram absorver o conteúdo de forma considerável, demonstrando em cada resposta que era concedida quando perguntados sobre um tópico específico. Percebe-se, portanto, que a discussão sobre o tema ainda é fragilizada e repassada, muitas vezes, de forma errônea.

O presente trabalho foi de suma importância para a compreensão de como é imprescindível difundir informações fidedignas, corretas e com embasamento científico, além disto, a ação permitiu poder participar de uma experiência altamente gratificante, que envolveu aprendizagem, comprometimento, trabalho em equipe e identificação com causas de vital importância para o desenvolvimento tanto individual quanto coletivo, visto que também somos educadores e formadores de opiniões.

A experiência vivenciada na ação dentro da comunidade foi de grande contribuição acadêmica e científica. Visto que possibilitou relacionar prática e teoria, autonomia e o desenvolvimento da capacidade de elaboração e execução de metodologias ativas em ações educativas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. A. A. S. et al. Knowledge of adolescents regarding sexually transmitted infections and pregnancy. **Revista Brasileira de Enfermagem [online]**. v. 70, n. 5, p.1033-1039, 2017.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Conselho Nacional de Combate à Discriminação de LGBT (CNCDD/LGBT): Conferências. Brasília, 2018.

CAMPOS, A. G. de O. et al. Preconceito e discriminação sofridos por pessoas transgênero em serviços de saúde: Revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, e26510514590, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i5.14590>.

CHIARELLA, T. et al. A Pedagogia de Paulo Freire e o Processo Ensino-Aprendizagem na Educação Médica. **Revista Brasileira de Educação Médica [online]**. v. 39, n. 3, p. 418-425, 2015.

CONTI, M. A.; BERTOLIN, M. N. T.; PERES, S. V. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer?. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. v. 15, n. 4, p. 2095-2103, 2010.

CYRINO, E. G.; TORALLES-PEREIRA M. L. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. **Cad Saúde Pública**. v. 20, n. 3, p. 780-788, 2004.

GALLI, R. A. et al. Corpos Mutantes, Mulheres Intrigantes: Transexualidade e Cirurgia de Redesignação Sexual. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 29, n. 4, p. 447-457, out-dez. 2013.

JESUS, J. G. Visibilidade transgênero no Brasil. **Correio Braziliense, caderno Opinião**, p. 13, 18 de janeiro, (2012). Disponível em <https://conteudoclipingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/1/18/visibilidade-de-transgenero-no-brasil>.

LEMONS, P.; MARBACK, R. Identidade na adolescência: compreendendo a sua formação e repercussões. **XVI SEPA - Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, UNIFACS, 2017.

LOPES, L. P.; CARVALHO, M. G. F.; ARAÚJO, L. M. B. Diversidades de gêneros e acesso à saúde: concepção dos estudantes de medicina e enfermagem do centro universitário de Patos de Minas. **Braz. J. Hea. Rev., Curitiba**, v. 2, n. 4, p. 3286-3302, jul-aug. 2019.

MARQUES, J. M. D. LAERTE-SE: A construção de uma identidade além do gênero. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 22146-22160, out. 2019.

MELLO, L.; AVELAR, R. B. de. Políticas públicas de segurança para a população LGBT no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 1, 297-320, jan-abr. 2014.

MOIMAZ, S. A. S. et al. Extensão universitária na ótica de acadêmicos: o agente

fomentador das Diretrizes Curriculares Nacionais. **Rev. ABENO** v.15, n. 4, Londrina out-dez. 2015.

NATARELLI, T. R. P. et al. O impacto da homofobia na saúde do adolescente. **Escola Anna Nery [online]**. v. 19, n. 4, p. 664-670, 2015.

OLIVEIRA, A. L. de; OLIVEIRA JUNIOR, R. L. de. Os direitos da personalidade à luz da aquisição de uma nova identidade: A proteção do nome social aos sujeitos transgêneros. **Revista de Direito Privado**. v. 75, p. 37-62, mar. 2017.

PONTE, J. P. et al. Bioética e identidade de gênero: uma discussão acerca do nome social e da transgenitalização. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n.1, p. 3445-3453 jan-feb. 2021.

ROECKER, S.; BUDÓ, M. de L. D.; MARCON, S. S. Trabalho educativo do enfermeiro na Estratégia Saúde da Família: dificuldades e perspectivas de mudanças. **Revista da Escola de Enfermagem da USP [online]**. v. 46, n. 3, p. 641-649, 2012.

SILVA, F. G. O. de; MAIO, E. R. O “entre-lugar” das trans nas escolas. **Revista Periódicus**. v. 1, n. 8, p. 307-324, nov. 2017-abr. 2018.